

Pensar o passado, narrar a história dos afrodescendentes na Bahia: recontando a vida de Maria Felipa de Oliveira no ensino fundamental

Thinking about Past, Narrating the History of African Descendants in Bahia: Retaining Maria Felipa de Oliveira's Story in Elementary School

Carlos Eduardo Gomes Nascimento^{*,1}

RESUMO

O artigo apresenta o projeto “Mídias digitais para pensar o passado e narrar a história dos afrodescendentes na Bahia”, que considerou a problemática: “o *e-book* pode ser um recurso educativo de preservação da memória histórica dos afrodescendentes na Bahia?”. Ressalta a relação entre mídias digitais na escola e a constituição histórica étnico-racial, a fim de estabelecer um sentimento de pertença dos alunos à história e à cultura afrodescendentes. Para tanto, contou-se a história de Maria Felipa de Oliveira, mulher negra e heroína da Independência do Brasil na Bahia, e propôs-se a recontagem dessa história pelos alunos, com a produção de um *e-book*. Observou-se que as mídias digitais podem aproximar os alunos da história dos afrodescendentes, significando o passado, criando o futuro.

Palavras-chave: história dos afrodescendentes; cultura digital; educação.

ABSTRACT

The article presents the project “Mídias digitais para pensar o passado e narrar a história dos afrodescendentes na Bahia” [The use of digital media to discuss the past and tell the story of Afro-descendants in Bahia], which considered this problem: “can the *e-book* be an educational resource to preserve the historical memory of Afro-descendants in Bahia?”. The article highlights the relationship between digital media in school and the historical ethnic racial constitution, in order to establish a sense of belonging of students to the history of Afro-descendant culture. The story of Maria Felipa de Oliveira, a black woman and heroin of the Independence of Brazil in Bahia, was recounted, and the story was recounted by the students, with the production of an *e-book*. It was observed that digital media can bring students closer to the history of Afro-descendants, giving a meaning to the past, creating the future.

Keywords: History of Afro-descendants; digital culture; education.

* Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, BA, Brasil. Mestre em Educação. carlos_gomes02@hotmail.com

Este artigo apresenta a produção de um *e-book* na plataforma *on-line* LivrosDigitais.org, realizada pelo professor com os alunos do 4º ano do Ensino Fundamental em uma escola municipal de Salvador, realizada no âmbito do projeto “Mídias digitais para pensar o passado e narrar a história dos afrodescendentes na Bahia”. A aproximação da educação com os recursos tecnológicos objetiva estabelecer relações entre a produção e divulgação *on-line* de mídias digitais, a história da formação da população afrodescendente brasileira e a aprendizagem da leitura e da escrita, por meio da produção de uma mídia educacional – um *e-book* – disponibilizada em plataforma *on-line*. A construção e a publicação do *e-book* na plataforma *on-line* LivrosDigitais.org foram realizadas com mediação do professor e efetiva participação dos estudantes de Ensino Fundamental, crianças que estão estabelecendo relações com o mundo da tecnologia, da leitura, da escrita e da história.

A educação marca o encontro entre as gerações: as crianças e os jovens encontram-se com gerações mais velhas e trocam saberes, conhecimentos, experiências. A aprendizagem das crianças e dos jovens não ocorre apenas na escola, mas também na família, na comunidade e, atualmente, pelos meios midiáticos na internet: redes sociais, *e-books*, *blogs*, *memes*, *games*, séries e demais narrativas *on-line*. Nesse processo formativo, as crianças e os jovens podem aprender sobre sua própria história e encontrar seu lugar no mundo simbólico e cultural por meio da troca de saberes com as gerações mais antigas, conhecendo o passado histórico. Assim, as diversas possibilidades de aprender permitem que jovens e crianças criem laços de pertencimento com esse mundo e suas histórias. Conforme aponta o educador Pedro Demo (2009), há duas possibilidades de entender a educação:

De um lado, estão crenças arcaicas que imaginam aprendizagem como simples instrução feita sempre dentro de cânones fixos, em particular na relação hierárquica, disciplinar, professor/aluno. De outro, estão novos ventos, muito impulsionados por novas tecnologias, que, ao revelarem novas dinâmicas (por exemplo, mais centradas nos alunos e que valorizam igualmente modos informais de aprender), preferem formatos mais flexíveis, participativos, coletivos de aprender, já que a razão de tudo é aprender bem. (Demo, 2009, p. 62)

As transformações nos modos de aprender favorecidas pelo acesso à internet e às mídias *on-line* constituem-se no fenômeno da cibercultura (Lévy,

1999), que atravessa também as práticas educativas, possibilitando novas interações na aprendizagem entre alunos e textos, ampliando a capacidade leitora e a produção e divulgação *on-line* de seus escritos, vídeos, *podcasts* e outros recursos visuais. Com as novas tecnologias, as relações entre sujeitos em ambientes *on-line* rompem as barreiras geográficas e favorecem novas formas de se apropriar da leitura e da escrita, criando possibilidades para o desenvolvimento de práticas educacionais mais dinâmicas, ultrapassando os muros da escola tradicional. Ao analisar o fenômeno da cibercultura afirma André Lemos (2011):

O leitor é editor e distribuidor. Nova forma de leitura onde a ação de edição e compartilhamento pode ser feita pelo leitor. Crescem formas e instrumentos de uma cultura letrada que se faz por uma leitura sociabilizada. O leitor é também “tipógrafo” (“Desafios da Escrita” de R. Chartier) que pode mexer nas fontes e alterar as localizações das informações. Só há textos e leitores móveis.

Assim, o sentido de pertença à herança cultural letrada que crianças e jovens estabelecem com o mundo vem se transformando, com a popularização do acesso à internet. Conforme destacam John Palfrey e Urs Gasser (2011, p. 29): “A era da internet, em que estão crescendo os Nativos Digitais, está proporcionando outra grande mudança no que significa construir e administrar a própria identidade”. Nesse contexto, torna-se fundamental tanto para as famílias quanto para as escolas refletirem e debaterem de que maneira as crianças podem usar a internet como recurso de aprendizagem, pelo contato com as diversas narrativas e recursos *on-line*. Aos educadores cabe refletir que a educação ultrapassa os muros da escola e das Universidades, para ganhar dimensões do mundo digital. Assim, na interação com as mídias *on-line*, as crianças e os jovens experimentam novas formas de constituição de identidades:

a formação da identidade entre os Nativos Digitais é diferente da formação da identidade entre as gerações pré-digitais, no sentido de que há mais experimentação e reinvenção das identidades, e diferentes modos de expressão, como o YouTube e os *blogs*. Esses modos de expressar a identidade muitas vezes parecem aos pais e professores mais estranhos do que realmente são. (Palfrey; Gasser, 2011, p. 30)

Embora inseridas na cultura digital, as crianças ainda não conseguem sozinhas se apropriar das diversas potencialidades que a tecnologia pode favorecer na construção de sua identidade. Considerando que a criança se apresenta em fase de desenvolvimento de suas capacidades cognitivas, afetivas e emocionais, é necessária a mediação do professor na relação entre o processo de aprendizagem da criança e o mundo digital, inclusive orientando e discutindo práticas de preconceito e violência viralizadas na internet, como o *bullying*, a homofobia e o racismo, entre outras. Nesse contexto, é imprescindível pensar práticas educativas também em ambientes *on-line* contra essas formas de violência e suas implicações sociais, pois a educação favorece a reflexão e a conscientização. No caso do racismo, que se faz presente de forma estrutural na sociedade brasileira, também surge na internet. De acordo com Pereira (2017) “o racismo é forte nas redes sociais, desmistificando a ideia de democracia racial e evidenciando que o preconceito real, vivido pelos negros no seu dia a dia, que os impede, em muitos casos, de ter acesso a oportunidades econômicas e sociais, viraliza no mundo virtual”. Considerando essa perspectiva, a presente intervenção didática aborda a importância da construção da identidade étnica e racial de crianças, alunas do ensino fundamental, com base na cultura afro-brasileira, especialmente, na Bahia.

Ancorada em proposta de produção educativa *on-line* mediada por atividade docente, produziu-se uma prática educacional que objetivou favorecer o debate racial com alunos do ensino fundamental por meio da produção e divulgação *on-line* de uma mídia digital. A mídia escolhida foi um *e-book*, por favorecer a interação dos alunos com um recurso digital, a produção, edição e divulgação de experiências de leitura e escrita *on-line* e a compreensão da identidade étnico-racial brasileira. O *e-book* foi escrito pelos alunos e editado pelo professor na plataforma *on-line* LivrosDigitais.org. Dessa maneira, criaram-se novos debates, novas relações de pertencimento entre as crianças e a história, além de se favorecer a aprendizagem da leitura e da escrita e a interação *on-line* com outros leitores. De acordo com Débora Valletta,

Entende-se que a alfabetização/competência digital é um processo que se encontra num momento no qual educandos e educadores aprendem ao mesmo tempo. A escola, com isso, passa a ser uma dentre tantas outras fontes/ambientes de produção e divulgação de informações. [...] Essa função será eficaz na medida em

que a escola e educadores aprendam a fazer uso das Tecnologias Digitais (TD) como uma ferramenta didática. (Valletta, 2014, p. 2)

A proposta didática almeja inspirar professores que busquem criar uma relação entre as tecnologias e a educação pela produção de uma mídia *on-line*, estabelecendo laços entre alunos, professores e sociedade e a história das identidades étnica e racial, com base na cultura afro-brasileira.

A aproximação da educação com os recursos tecnológicos digitais objetiva estabelecer relações entre a produção e a divulgação *on-line* de mídias digitais, tomando por base as pesquisas desenvolvidas por Lévy (1996; 1999), Demo (2009), Palfrey e Gasser (2011), Lemos (2011), Serres (2013), Nicolau e Nicolau (2014), Valletta (2014), Pereira (2017) e Rocha (2018), dentre outros. Assim, a produção coletiva de uma mídia *on-line* com os alunos do ensino fundamental tem como referência a concepção de interação pedagógica de Vygotsky (1991), a qual propõe que alunos possam aprender juntos, de forma dialógica e participativa. O projeto fundamentou-se também nos livros *Ilê Ifé. O Sonho do Ião Afonjá*, de Vanda Machado e Carlos Petrovich (2002), e *Maria Felipa de Oliveira: heroína da Independência da Bahia*, de Eny Kleyde Vasconcelos Farias (2010), sobre a aprendizagem da cultura afro-brasileira e a educação.

EDUCAÇÃO, CULTURA DIGITAL E E-BOOK

Educação é um ato político, como afirmava Paulo Freire (1991). A escola é um ambiente formativo de inter-relações entre os sujeitos e os saberes que permeiam o mundo. Como lembra Lev Vygotsky (1991, p. 22): “O ser humano só adquire cultura, linguagem, desenvolve o raciocínio se estiver inserido no meio com os outros. A criança só vai se desenvolver historicamente se inserida no meio social”. Em meio a esse contexto formativo, político e social, atualmente surge o fenômeno tecnológico da cultura digital que pelas mídias *on-line* cria múltiplas potencialidades na educação. Como destaca Ana Graciela Fonseca:

Em se tratando de tecnologia, o potencial não reside nela própria, e sim na interação com o homem. Por isso, para que os experimentos pedagógicos alcancem seus objetivos, é preciso que os envolvidos, nesse caso, alunos e professores,

estejam preparados e dispostos, para que essa apropriação possa de fato representar transformação e gerar ganhos para a Educação. (Fonseca, 2013, p. 3)

A apropriação da tecnologia pelos professores e estudantes pode constituir um conhecimento do mundo em que se vive, das outras formas de pensar, das novas maneiras de nos relacionarmos com os outros, das desigualdades e injustiças que ainda permeiam essas relações. Dessa maneira, a produção de uma mídia articulada com a aprendizagem de conteúdo, conhecimentos e saberes escolares torna-se exercício importante para educar.

As mídias e as tecnologias de informação e comunicação proporcionam à comunidade escolar – alunos, professores e pais – novas maneiras de aprender a se relacionar com a cultura e a sociedade. Mas a escola não tem acompanhado essa célere dinâmica de mudanças. Poucas são as práticas pedagógicas que favorecem a pesquisa e a produção de material didático a partir de recursos tecnológicos e com as mídias *on-line*, entre alunos e professor. Nesse contexto, o filósofo francês Michel Serres, na obra *A Polegarzinha* (2013), analisou as implicações das tecnologias digitais e da mídia *on-line* na educação das crianças. Serres (2013) relembra o momento em que observou pequenos estudantes enviarem mensagens de texto (SMS) “com os polegares mais rápidos que eu jamais conseguiria com todos os meus dedos entorpecidos” e os batizou de “a Polegarzinha e o Polergazinho”. Segundo esse autor,

Essas crianças, então, habitam o virtual. As ciências cognitivas mostram que o uso da internet, a leitura ou a escrita de mensagens com o polegar, a consulta à Wikipédia ou ao Facebook não ativam os mesmos neurônios nem as mesmas zonas corticais que o uso do livro, do quadro-negro ou do caderno. Essas crianças podem manipular várias informações ao mesmo tempo. (Serres, 2013, p. 19)

Os estudantes, geração diferente daquela de seus pais e de alguns professores, assumem maior protagonismo na criação de novas formas de comunicar, escrever, ler e se relacionar com o conhecimento. Os recursos tecnológicos pelas mídias *on-line* deixaram de ser uma promessa sobre o processo de ensino e aprendizagem nas escolas. Segundo Nicolau e Nicolau (2014, p. 1): “Na medida em que a tecnologia do digital foi desenvolvendo-se e estabelecendo, no âmbito da cibercultura, um novo padrão de interações sociais, a área da educação passou a se mover, quase que por completo, em direção a essa

promissora vertente de construção de conhecimentos que se instaurou na sociedade da informação”.

O fenômeno da cibercultura, segundo o pensador francês Pierre Lévy (1999, p. 17), é “conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamentos e de valores que se desenvolvem juntamente com o ciberespaço”. Esse desafio lançado pela cibercultura nos ambientes digitais chegou aos educadores não para que se tornem especialistas e técnicos nas tecnologias e mídias, mas para que descubram potencialidades pedagógicas na construção de recursos didáticos para a criação, interação e aprendizagem na sala de aula com o conhecimento. Em meio a esse desafio de desconstruir antigas formas de organização e distribuição do conhecimento nas escolas, educar também implica trabalho com as tecnologias digitais e mídias *on-line*.

Assim, a cultura digital modificou a relação entre a educação e o conhecimento. O conhecimento está expandido e documentado na *web*, sem maiores erros do que as velhas enciclopédias. Aquele conhecimento que fora transmitido de maneira tradicionalista e desinteressante por alguns professores, atualmente encontra-se à disposição em ambientes virtuais que proporcionam a aprendizagem como *sites*, *blogs*, vídeos, redes sociais, *podcasts*, *e-books* etc.

O *e-book* constitui-se no formato digital dos livros físicos, acessível em rede, pode ser lido e compartilhado *on-line* e pelos mais diversos dispositivos digitais. Segundo Procópio (2010), a leitura de um livro digital compõe-se de três constituintes: o *hardware* utilizado (*notebook*, *tablet*, *smartphone* etc.); o *reader*, *software* de leitura do livro; e o *e-book*, o conteúdo. Com o *e-book* a experiência da leitura modifica-se. Para Lévy (1996, p. 39), a leitura em tela apresenta-se como uma pequena janela da qual o leitor explora diversas potencialidades. O autor acrescenta:

O suporte digital apresenta uma diferença considerável em relação aos hipertextos anteriores à informática: a pesquisa nos índices, o uso dos instrumentos de orientação, de passagem de um nó a outro, fazem-se nele com grande rapidez, da ordem de segundos. Por outro lado, a digitalização permite associar na mesma mídia e mixar finalmente os sons, as imagens animadas e os textos. Segundo essa primeira abordagem, o hipertexto digital seria, portanto, definido como uma coleção de informações multimodais disposta em rede para a navegação rápida e ‘intuitiva.’ (Lévy, 1996, p. 44)

Com efeito, o *e-book* é recurso didático-pedagógico que explora a complexidade do processo de ensinar e de aprender (Nicolau et al., 2014). Assim, a busca por implementar novas tecnologias na sala de aula torna-se fundamental na transformação das estruturas da educação e configuração no aprendizado escolar para os estudantes do século XXI.

E-BOOK E A TEMÁTICA ÉTNICO-RACIAL NA ESCOLA

Para o desenvolvimento do projeto didático “Mídias digitais para pensar o passado e narrar a história dos afrodescendentes na Bahia” optou-se pela produção do *e-book* como um recurso educativo. O *e-book* expressa a dinamicidade na aprendizagem mais significativa para as crianças que estão imersas em um mundo digital e tecnológico, mas que ainda não compreendem as implicações formativas das mídias *on-line*. Elaborar e editar um *e-book* com os alunos do ensino fundamental requer sociabilidade, comunicação e interação constante entre os sujeitos – professor e alunos. Embora parte dos alunos tenham acesso aos recursos digitais e à internet, a produção de *e-book* como recurso educacional mostra-se como algo novo para eles, ampliando as possibilidades de construção de habilidades e competências e o estreitamento de laços durante a realização da atividade.

Mesmo com a inclusão da temática “História e Cultura Afro-Brasileira” nos currículos oficiais, pela Lei nº 10.639/2003, ainda carece refletir práticas didáticas sobre a cultura e a história afro-brasileiras. Conforme as Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais, “Reconhecer as diferenças é um passo fundamental para a promoção da igualdade, sem a qual a diferença poderá vir a se transformar em desigualdade” (Brasil, 2006, p. 32). Acerca da população negra na cidade de Salvador, questiona Vanda Machado (Machado; Petrovich, 2002, p. 109): “Em Salvador somos mais de 80% negros. Entretanto, a escola como instituição que representa os valores civilizatórios tende a firmar apenas valores da sociedade que se porta como branca e eurocêntrica. É hora de reparar”.

Os conflitos humanos presentes na sociedade são vivenciados pelas crianças na escola e nas redes sociais e precisam ser discutidos, mediados pelos adultos. Nas interações *on-line* das redes sociais difundem-se mais rapidamente os efeitos desses conflitos, segundo Telma Rocha:

A interação mútua que os atores sociais estabelecem são eventos localizados num tempo e espaço, ficam armazenados junto das novas interações que surgirão na sequência. Se alguém recebeu uma mensagem ofensiva em alguma comunidade, o conflito gerado naquele texto vai possibilitar novos eventos comunicativos. Mesmo que o autor das mensagens peça desculpas, novas comunicações vão ocorrer na sequência de outras mensagens. Isso permite que se mude o evento anterior, mas não eliminá-lo da sequência, da historicidade interativa, isto é, pode-se tentar ressignificar os atos anteriores, mas não mudá-los, tendo em vista a progressão temporal do processo. (Rocha, 2018, p. 234)

As interações dialógicas que privilegiem a diversidade garantem o relacionamento plural na escola e nos ambientes virtuais. Conforme lembra Vanda Machado (Machado; Petrovich, 2002, p. 111): “O reconhecimento da nossa multietnicidade com a maioria negra, muitas vezes se coloca na contramão da construção do conhecimento, para as crianças afrodescendentes. A escola precisa aproximar-se da cultura afro-brasileira”. Dessa maneira, a questão da cultura afro-brasileira deve ser discutida e abordada na escola, promovendo uma educação transformadora que crie novas formas de ser e pensar o mundo.

A produção do *e-book* tema deste artigo visa recontar a história de Maria Felipa de Oliveira, mulher negra que participou da guerra da Independência do Brasil na Bahia, em 1823. Conta-se que Maria Felipa era uma mulher negra, alta, que ao lutar contra a escravidão liderou, na ilha de Itaparica, um grupo de homens e mulheres que queimou mais de 40 embarcações portuguesas que estavam em assalto na baía de Todos os Santos. A história de Maria Felipa de Oliveira apresenta-se como memória e patrimônio, destacando-a no contexto histórico-simbólico das lutas de que participou. Assim destaca Eny Farias (2010):

Entende-se que a história brasileira deve ser submetida também a novos processos historiográficos para ser reelaborada e reescrita de forma crítica e cidadã. É dentro deste modo de pensar que se tenta escrever sobre Maria Felipa de Oliveira. É relevante afirmar que o sujeito deve ser educado na própria História, pois este é um direito do ser humano. Conhecer a própria História, a História do seu grupo, de sua comunidade, de seu gênero, de sua etnia, coloca-se como condição indispensável para se integrar com o futuro e com a vida social e política.

Justifica-se, assim, abordar a produção do *e-book* e a relevância histórica de Maria Felipa, uma história que esteve fora dos livros oficiais e didáticos durante séculos, mas sobreviveu na cultura oral, constituindo um patrimônio histórico-cultural brasileiro e baiano. Segundo Farias,

A Bahia é um lugar de memória identitária da ancestralidade africana e Maria Felipa de Oliveira viveu uma história singular na Ilha de Itaparica, na Independência do Brasil. A dimensão simbólica das lutas nas quais participou, criou estratégias, ironizou situações, tornou sua memória uma ressignificação do presente e proposta para contribuir na transformação do futuro. (Farias, 2010, p. 53)

Nos dias atuais, é importante que a história de Maria Felipa de Oliveira seja redescoberta nas escolas para que as crianças compreendam que as pessoas negras tiveram ativa e efetiva participação na construção da história do Brasil. A memória das gerações mais antigas pode ser transmitida, recontada para as próximas gerações e assim conservar essas experiências de vida e resistência que foram invisibilizadas, como a de Maria Felipa de Oliveira.

Desse modo, a prática didática amplia-se com o uso das tecnologias educacionais, assim como na aprendizagem das crianças a reflexão étnico-racial sobre a cultura afro-brasileira soteropolitana constitui-se de modo dialético por meio das mídias digitais *on-line* que permitem não apenas a pesquisa histórica através da leitura de textos, imagens e vídeos, mas também a recontagem, o compartilhamento, a interação com outros leitores e a divulgação da produção realizada. Portanto, justifica-se a relevância da temática discutida no projeto por aproximar a prática didática do sistema público de ensino da tecnologia educacional *on-line*, em especial em Salvador, além de possibilitar a reflexão sobre o papel social e transformador da educação.

O CAMINHO E A REFLEXÃO DO PROJETO “MÍDIAS DIGITAIS PARA PENSAR O PASSADO E NARRAR A HISTÓRIA DOS AFRODESCENDENTES NA BAHIA”

O projeto estabeleceu um plano de atividade para a produção e publicação *on-line* de *e-book* com os recontos da história de Maria Felipa de Oliveira, mulher negra e heroína brasileira, desenvolvido da seguinte maneira:

Inicialmente, observaram-se os alunos na sala de aula e realizaram-se conversas sobre o tema da tecnologia: quais recursos de tecnologia são mais utilizados por eles, qual o acesso a esses recursos digitais na escola e em casa, quais as mídias utilizadas para aprender e pesquisar as atividades escolares, e se conheciam um *e-book*.

A seguir, os alunos pesquisaram na internet textos, imagens e vídeos sobre a história do “Dois de Julho, independência do Brasil na Bahia”, a partir da personagem histórica Maria Felipa de Oliveira. Propôs-se como atividade o registro da discussão sobre a história pesquisada e, após a reescrita, o relato por parte dos alunos, que também ilustraram as histórias construídas.

Em outro momento, explicou-se o significado do *e-book* na preservação da memória histórica, sua importância como recurso digital para a aprendizagem, e como o *e-book* pode ser compartilhado *on-line* na internet para que outras crianças possam ler. A seguir, os alunos pesquisaram a plataforma *on-line* LivrosDigitais.org, na qual são escritos, editados e publicados *e-books* de forma gratuita. Após o diálogo com os alunos sobre os *e-books*, propôs-se a realização, com mediação do professor, de um *e-book* sobre a história de Maria Felipa recontada por eles.

O tema do livro buscou provocar a reflexão e a imaginação dos estudantes sobre a presença histórica da personagem histórica Maria Felipa de Oliveira, mulher negra e heroína brasileira, no século XXI. Os estudantes foram questionados: como seria a luta de Maria Felipa de Oliveira em favor do povo brasileiro, de sua comunidade, de seu gênero, de sua etnia?

Recontar a história de Maria Felipa de Oliveira possibilitou que as crianças narrassem, criando uma teia de conexões que vincula uma geração mais antiga com a geração mais nova, evitando o perigo do esquecimento. A esse respeito, em sua palestra intitulada “O perigo da história única”, a escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie (2009) argumenta: “As histórias também podem ser usadas para dar poder e para humanizar. As histórias podem quebrar a dignidade de um povo. Mas as histórias também podem reparar essa dignidade quebrada”.

Desse modo, a produção do *e-book* na plataforma *on-line* LivrosDigitais.org buscou que as narrativas das crianças formassem novos laços de pertencimento com a história, como condição indispensável para se integrarem com o futuro e com a vida social e política. A elaboração do *e-book* “#Serlivre: Maria

Felipa de Oliveira no século XXI” ocorreu de maneira colaborativa entre alunos e professor: tanto a edição como a formatação do texto e do título. As ilustrações realizadas pelos alunos foram inseridas pelo professor, após novo debate com eles, participantes do processo, que digitaram e postaram na plataforma *on-line* durante as aulas.

Entre algumas histórias recontadas pelos alunos destaca-se a relação entre a história de Maria Felipa e o momento vivenciado nas escolas municipais, após uma greve de professores. Reconta um aluno:

Era um dia uma mulher linda e muito corajosa, ela era professora, mas as greves que ela tinha que enfrentar era muitas, mas ela tinha que ser forte com as greves dos professores e ela que faz greve tentando derrubar as pessoas que só pensam em dinheiro e em mais ela lutaria e lutou até derrubar eles e assim derrubou e na felicidade eles ganharam o seu aumento o nome dela era Maria Felipa.

Entre outras histórias relacionadas à presença de ações governamentais sobre as pessoas comuns, escreveu uma aluna: “O prefeito queria derrubar a casa de Maria Felipa ela lutou pelo direito dela, ela teve uma conversa com o prefeito, mas o prefeito ainda não tinha concordado com ela mas Maria Felipa foi na justiça e o prefeito não derrubou a casa dela”.

A história de Maria Felipa de Oliveira suscitou temas fundamentais que precisam ser trabalhados nas escolas, como o *bullying*, o racismo e o gênero. Escreveu outra aluna: “Maria Felipa nos dias de hoje lutaria contra o racismo, defendendo os negros, iria lutar contra o *bullying* e contra a violência e iria mudar as escolas e o trabalho para melhor. Ela seria a primeira presidente negra e ela mudaria tudo, o racismo, violência, *bullying* etc. Essa seria Maria Felipa nos dias de hoje”.

Assim, o passado dos afrodescendentes, representado na história de Maria Felipa de Oliveira, está sempre inacabado, à espera de ser redescoberto por cada criança. As narrativas recontadas pelos alunos revelaram o extraordinário: a imortalidade dos sentidos da existência humana nas histórias orais, como a de Maria Felipa, que preservou as experiências daquela geração. Ao compartilharem essa memória comum por meio do *e-book*, as histórias das crianças dão nova presença ao legado do patrimônio histórico e cultural “Maria Felipa de Oliveira”.

Após o final do projeto, o livro “#Serlivre: Maria Felipa de Oliveira no século XXI” da turma foi compartilhado nas redes sociais, com o *link* da página do livro no Facebook e no Instagram, documentando todo o processo de produção do *e-book*. Os alunos também receberam uma cópia do livro em CD com capa ilustrada por eles e houve sessão de autógrafos, pois naquele momento nem todos tinham acesso à internet.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A inserção das mídias *on-line* na educação pode promover a reflexão sobre o mundo compartilhado entre as crianças, os jovens e o professor. Na medida em que o mundo digital em que as crianças se inserem cotidianamente também é o mundo do professor, a prática pedagógica deve promover práticas que dialoguem com os recursos tecnológicos, para juntos criarem um novo olhar sobre o mundo, que reflita sobre as histórias de resistência da cultura.

A intervenção didática apresentada no presente artigo demonstra que o enlace entre a educação e a produção de uma mídia digital na escola favorece a construção da identidade cultural afro-brasileira no ensino fundamental. A produção do *e-book* colocou os alunos e o professor em contato com outras linguagens, com a literatura, a arte visual, os vídeos, a internet e as redes sociais, desde o momento em que pesquisaram sobre a história de Maria Felipa de Oliveira e durante a produção do reconto da história e na edição, ilustração e publicação do *e-book*.

Assim, a história de Maria Felipa, ao ser apropriada de forma pessoal pelos alunos, favorece pensar sobre sua identidade no mundo e suas relações com os eventos históricos do passado. Pesquisando, narrando e compartilhando *on-line* a produção com outros alunos e leitores na internet por meio da plataforma digital LivrosDigitais.org, a história de Maria Felipa de Oliveira foi ressignificada no presente pelos alunos e pelo professor. Com a publicação do *e-book*, tem-se um novo recurso para manter a memória da herança cultural dos afrodescendentes, presente na história de Maria Felipa.

REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda N. O perigo de uma história única. 2009. Disponível em: https://www.ted.com/talks/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story/transcript?language=pt#t-1110073. Acesso em: 24 jan. 2018.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais. Brasília: Secad, 2006. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/orientacoes_etnicoraciais.pdf. Acesso em: 2 abr. 2018.
- DEMO, Pedro. *Educação hoje*: “novas” tecnologias, pressões e oportunidades. v. 3. São Paulo: Atlas, 2009.
- FARIAS, Eny Kleyde V. *Maria Felipa de Oliveira*: heroína da Independência da Bahia. Salvador: Quartetto, 2010.
- FONSECA, Ana Graciela M. F. da. Aprendizagem, mobilidade e convergência: *mobile learning* com celulares e *smartphones*. *Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano*, Niterói: UFF, n. 2, p. 163-181, jun. 2013.
- FREIRE, Paulo. A educação é um ato político. *Cadernos de Ciência*, Brasília, n. 24, p. 21-22, jul./ago./set. 1991. Disponível em: <http://www.acervo.paulofreire.org:8080/jspui/handle/7891/1357>. Acesso em: 30 nov. 2017.
- LEMONS, André. Livro e mídia digital. 2011. Disponível em: <http://andrememos.info/2011/10/flica/>. Acesso em: 1 ago. 2018.
- LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Ed. 34, 1999.
- LÉVY, Pierre. *O que é virtual*. São Paulo: Ed. 34, 1996.
- MACHADO, Vanda; PETROVICH, Carlos. *Ilê Ifé*: o sonho do Iaô Afonjá. 2. ed. Salvador: Ed. UFBA, 2002. (Mitos Afro-brasileiros).
- NICOLAU, Marcos; NICOLAU, Roseane. Educação digital na cibercultura: para onde (não) nos leva a tecnologia. *Temática*, ano X, n. 1, jan. 2014. Disponível em: http://www.insite.pro.br/2014/Janeiro/educacao_digital_cibercultura.pdf. Acesso em: 1 ago. 2018.
- NICOLAU, Marcos et al. Educação e novas tecnologias da informação e da comunicação: o livro didático digital no Brasil. *Temática*, ano X, n. 7, jul. 2014. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/tematica>. Acesso em: 1 ago. 2018.
- PALFREY, John Gorham; GASSER, Urs. *Nascidos na era digital*: entendendo a primeira geração de nativos digitais. Porto Alegre: ArtMed, 2011.
- PEREIRA, Michele B. B. S. O racismo nas redes sociais: o preconceito real assumido na vida virtual. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE DIREITO E CONTEMPORANEIDADE, 4., Mídias e direitos da sociedade em rede, 2017, Santa Maria, RS. *Anais...* Santa Maria, 2017.

- PROCÓPIO, Ednei. *O livro na era digital: o mercado editorial e as mídias digitais*. São Paulo: Giz, 2010.
- ROCHA, Telma Brito. Pesquisa em redes sociais na internet: os discursos no ciberespaço. *Educação em foco*, Juiz de Fora: UFJF, v. 23, p. 225-244, 2018.
- SERRES, Michel. *Polegarzinha*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.
- VALLETTA, Débora. Gui@ de Aplicativos para Educação Básica: uma investigação associada ao uso de tablets. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO DA ENDIPE, 17., 2014, Fortaleza, CE. *Anais ... Fortaleza: Endipe*, 2014.
- VYGOTSKY, Lev S. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

NOTA

¹ Mestre em Educação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA, 2018), participou de ações na Educação Básica: Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid) em Filosofia (UFBA, 2013/2015) e Pedagogia (UFBA, 2016).

Artigo recebido em 20 de dezembro de 2018. Aprovado em 26 de junho de 2019.